

ARTIGO ORIGINAL

CONHECIMENTO SOBRE ACIDENTE DE TRABALHO PELA ENFERMAGEM NO SERVIÇO DE ATENDIMENTO MÓVEL DE URGÊNCIA¹

Isabel Karolyne Fernandes Costa*
 Isabelle Katherinne Fernandes Costa**
 Amanda Jéssica Gomes de Souza***
 Andréa Tayse de Lima Gomes****
 Clélia Albino Simpson*****
 Glaucea Maciel de Farias*****

RESUMO

Acidentes de Trabalho (AT) são eventos que ocorrem durante a atividade laboral a serviço da empresa. Objetivou-se identificar o conhecimento da equipe de enfermagem e caracterizar os acidentes de trabalho ocorridos em um serviço de atendimento móvel de urgência. Estudo exploratório e quantitativo, realizado entre novembro e dezembro de 2010, no Serviço de Atendimento Móvel de Urgência de Natal/RN. Para a coleta de dados, utilizou-se um questionário estruturado. Dos 66 pesquisados, 16,7% eram enfermeiros e 83,3% técnicos de enfermagem. A maioria não sabia conceituar AT (51,5%), mas 75,8% conheciam algumas normas e 27,4% dos profissionais afirmaram que deve ser feita no próprio local de trabalho. Em relação às características do acidente, os enfermeiros (54,6%) sofreram mais acidentes do que os técnicos (38,2%) e 74,1% dos profissionais estavam realizando transporte de pacientes no momento do acidente. Dos pesquisados, 33,3% sofreram contusões provocadas por acidentes de transporte (44,4%), atingindo os membros superiores, inferiores e a cintura pélvica (59,3%). Devido ao grande risco de sofrer algum tipo de AT, é importante a educação em serviço no tocante a temática Biossegurança.

Palavras-chave: Riscos Ocupacionais. Saúde do Trabalhador. Assistência Pré-Hospitalar.

INTRODUÇÃO

Os AT são conceituados como eventos não planejados, fortuitos, imprevistos e frutos do acaso. Na linguagem do senso comum, um acidente é entendido como algo nefasto, maléfico e aleatório que provoca danos ou prejuízos às vítimas. A partir desta definição, pode-se diagnosticar a existência de uma impossibilidade empírica para controlar e antever todas as situações passíveis de causar acidentes⁽¹⁾.

A Norma Regulamentadora 32 (NR-32) estabelece as diretrizes básicas para a implementação de medidas de proteção à segurança e à saúde dos trabalhadores em serviços de saúde. Além disso, a NR-32 discorre sobre as situações de exposição a riscos para a saúde do profissional, a saber: riscos biológicos, riscos químicos e radiação ionizante⁽²⁾.

Os riscos biológicos estão relacionados à probabilidade da exposição ocupacional a microrganismos, culturas de células, parasitas, toxinas e príons. Quanto aos agentes químicos,

¹Esse artigo é parte da dissertação de mestrado em Enfermagem – Riscos ocupacionais e acidentes de trabalho em um serviço de atendimento móvel de urgência do Rio Grande do Norte. 2011. [dissertação]. Natal (RN): Universidade Federal do Rio Grande do Norte; 2011.

*Enfermeira. Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, Natal – RN, Brasil. E-mail: isabelkarolyne@gmail.com

**Enfermeira. Professora adjunta I dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação em Enfermagem da UFRN, vice-líder do grupo de pesquisa Incubadora de Procedimentos de Enfermagem – GIPE/UFRN, Natal – RN, Brasil. E-mail: isabellekfc@yahoo.com.br.

***Enfermeira. Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da UFRN, membro do GIPE/UFRN, Natal – RN, Brasil. E-mail: amandajessicags@yahoo.com.br.

****Enfermeira. Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da UFRN, bolsista CAPES/DS, membro do grupo de pesquisa Laboratório de Investigação do Cuidado, Segurança, Tecnologias em Saúde e Enfermagem – LABTEC/UFRN, Natal – RN, Brasil. E-mail: andrea.tlgomes@gmail.com.

*****Enfermeira. Professora adjunta IV dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação em Enfermagem do Departamento de Enfermagem da UFRN, membro do Grupo de Pesquisa Ações Promocionais e de Atenção a Grupos humanos em Saúde Mental e Coletiva- UFRN, Natal – RN, Brasil. E-mail: cleliasimpson@hotmail.com.

*****Enfermeira. Professora aposentada do Curso de Graduação e do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da UFRN. Natal – RN, Brasil. E-mail: glauceamaciel@gmail.com.

as vias de entrada no organismo são: trato digestivo, respiratório, mucosas, via parenteral e cutânea. No que diz respeito à radiação ionizante, esta é considerada um risco físico, ou seja, se relaciona as diversas formas de energia em que os profissionais podem estar expostos, como ruído, vibração, pressão anormal, iluminação, temperatura extrema e radiações⁽²⁾.

Além disso, em 2010, foram notificados no Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) 32.734 casos de AT com material biológico e, mais uma vez, a equipe de enfermagem foi a mais vitimada, sendo em média 49% dos casos por acidentes causados por material perfurocortante⁽³⁾.

Em uma unidade de urgência e emergência, são observadas situações relacionadas às características do atendimento que podem favorecer, potencialmente, a ocorrência do acidente. Em pesquisa realizada nessa unidade em Belo Horizonte, os acidentes com material perfurocortante entre os profissionais de enfermagem de nível médio foram de 48,5%, nota-se a relevância desses acidentes na situação de urgência que muitas vezes são motivados pela necessidade de atendimento rápido e sincronizado prestado aos pacientes com risco de morte⁽⁴⁾.

Diante dessa realidade, compreende-se que a temática sobre AT é complexa e envolve uma gama de variáveis, sendo de fundamental importância que o trabalhador saiba o que fazer diante de um acontecimento como esse, além dos direitos que lhe são assegurados⁽⁵⁾.

Diante do exposto, afirma-se que o conhecimento dos profissionais de saúde em relação aos AT, sobretudo, da equipe de enfermagem, pode fornecer subsídios para o melhor dimensionamento e compreensão do impacto desses eventos sobre a saúde pública. Ainda, pode contribuir para a formulação de programas de promoção da saúde e, principalmente, prevenção de agravos, visto que tais eventos são um dos principais fatores desencadeantes de absenteísmo entre esses profissionais devido às consequências incapacitantes geradas por esse tipo de acidente.

Deste modo, fez-se o seguinte questionamento: qual o conhecimento da equipe de enfermagem acerca dos acidentes de trabalho e quais são os acidentes de trabalho que mais

acometem esses profissionais? Para tanto, o presente estudo teve como objetivo identificar o conhecimento da equipe de enfermagem e caracterizar os acidentes de trabalho ocorridos em um serviço de atendimento móvel de urgência.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo exploratório-descritivo, prospectivo e com abordagem quantitativa. A pesquisa foi desenvolvida entre os meses de novembro e dezembro de 2010, durante os três turnos – manhã, tarde e noite, incluindo finais de semana, no Serviço de Atendimento Móvel de Urgência da região Metropolitana de Natal/Rio Grande do Norte (SAMU Metropolitano), localizado no município de Macaíba.

A população foi composta por 66 profissionais que compõem a equipe de enfermagem do SAMU Metropolitano, excluindo-se um enfermeiro, por se tratar do pesquisador deste trabalho. Os dados foram obtidos através do preenchimento do questionário pelos próprios profissionais, mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) pelo participante.

O instrumento utilizado na coleta de dados foi um questionário estruturado, elaborado pelos próprios pesquisadores, que continha questões abertas e fechadas, dividido em três partes, a saber: a primeira parte abordou a caracterização pessoal e profissional, a segunda parte estava relacionada ao conhecimento sobre normas de precauções padrão, segurança e riscos ocupacionais e a terceira parte abrangia características do acidente.

Na questão do instrumento, que trata sobre as sugestões dos profissionais para diminuir os AT, o pesquisado poderia assinalar até três alternativas de resposta.

Ressalta-se que este estudo é parte de uma pesquisa mais ampla, cujo instrumento aplicado na coleta de dados era composto por cinco partes, realizada no SAMU Metropolitano, que constituiu uma dissertação de mestrado, cujos objetivos foram identificar o conhecimento da equipe multiprofissional acerca das normas de precauções padrão e segurança do trabalhador;

identificar os riscos ocupacionais peculiares às atividades desenvolvidas nesse serviço; caracterizar os AT; e conhecer os procedimentos adotados após cada AT.

Os dados foram tabulados em uma planilha eletrônica no software Microsoft Excel XP 2007 e analisados por meio de estatística descritiva através da utilização do programa estatístico Statistica 6.0. Os resultados foram apresentados com suas respectivas frequências relativas e absolutas em forma de tabelas.

O estudo obedeceu aos aspectos éticos e legais relacionados a pesquisas que envolvem seres humanos, conforme preconizado pela Resolução nº. 196/96 e pela atual Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. O

projeto de pesquisa obteve parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (CEP/UFRN), cujo registro é 147/2010.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esse estudo foi composto por uma amostra de 66 profissionais da área de enfermagem, sendo 11 (16,7%) enfermeiros e 55 (83,3%) técnicos de enfermagem. A maioria dos pesquisados enquadrou-se na faixa etária entre 41 a 50 anos (n=27; 40,9%), com idade média de 39,5 anos ($\pm 7,7$), conforme demonstrado na Tabela 1 abaixo.

Tabela 1. Caracterização sociodemográfica e profissional da equipe de Enfermagem de acordo com a categoria profissional.

CARACTERÍSTICAS	ENFERMEIROS		TÉCNICOS DE ENFERMAGEM		TOTAL	
	n	%	n	%	n	%
Sexo						
Feminino	7	63,6	27	49,1	34	51,5
Masculino	4	36,4	28	50,9	32	48,5
Faixa etária						
21 a 30 anos	7	63,6	3	5,5	10	15,2
31 a 40 anos	1	9,1	24	43,6	25	37,9
41 a 50 anos	3	27,3	24	43,6	27	40,9
51 a 60 anos	0	0,0	4	7,3	4	6,1
Procedência						
Natal	5	45,5	36	65,5	41	62,1
Grande Natal	2	18,2	5	9,1	7	10,6
Interior do Estado	2	18,2	10	18,2	12	18,2
Outros Estados	2	18,2	4	7,3	6	9,1
Tempo de formação						
Entre 1 e 10 anos	7	63,6	6	10,9	13	19,7
Entre 11 e 20 anos	3	27,3	43	78,2	46	69,7
> 20 anos	1	9,1	6	10,9	7	10,6
Formação complementar						
Pós-graduação	8	72,7	0	0,0	8	12,1
Curso de atualização	2	18,2	24	43,6	26	39,4
Nenhum	1	9,1	31	56,4	32	48,5
TOTAL	11	100,0	55	100,0	66	100,0

Uma publicação feita em 2011, cuja amostra foi composta por 24 enfermeiros de uma unidade de cuidados intensivos do Rio de Janeiro, relatou que 87,5% dos participantes da pesquisa eram mulheres. Os mesmos autores afirmaram que a predominância do sexo feminino entre os trabalhadores de enfermagem nos serviços de saúde reflete a composição própria da profissão⁽⁶⁾.

Corroborando com esta pesquisa, um estudo realizado com 66 profissionais de enfermagem que trabalham no SAMU em Campinas/SP mostrou que a média de idade dos profissionais foi de 39,1 anos⁽⁷⁾.

Uma pesquisa, realizada no SAMU do Estado de Minas Gerais, demonstrou que, para o profissional atuar na área de urgência e emergência, é essencial que ele tenha experiência e habilidade técnica, além de agilidade e objetividade na avaliação dos pacientes⁽⁸⁾.

Quanto à procedência, a Tabela 1 mostra que a maioria dos profissionais 41 (62,1%) reside em Natal (RN). Os dados do último Censo Demográfico, publicado em 2010, discordaram desse estudo, quando revelaram que, no Brasil, 10.146.721 milhões de pessoas trabalhavam ou estudavam em municípios diferentes daqueles onde residiam, sendo a motivação para o deslocamento dos profissionais e/ou estudantes para outros municípios, a busca por melhores condições de saúde, emprego e educação^(9,10).

Um estudo realizado com 24 enfermeiros da unidade Cardio-Intensiva de um hospital federal de grande porte do Rio de Janeiro discorda da presente pesquisa quando mostra que, em relação ao tempo de formação dos profissionais, 16,6% dos enfermeiros têm de 11 a 15 anos de formado. Nessa perspectiva, é presumível que, quanto maior o tempo de formação do profissional e realização de cursos de atualização maior será o potencial de experiência. Dessa forma, o processo de educação é necessário para garantir a qualidade da assistência prestada, principalmente nas ações de alta complexidade^(6,11).

No presente estudo, nota-se que, principalmente, na categoria de técnicos de enfermagem, existe uma quantidade considerável (56,4%) de profissionais sem qualquer formação complementar, enquanto que 72,7% dos enfermeiros tinham alguma pós-graduação. Nesse

contexto, esses resultados são semelhantes a uma pesquisa sobre violência ocupacional em um hospital de referência em trauma em Natal (RN), na qual o pesquisador detectou que, entre os auxiliares/técnicos, 79,7% tinham apenas o ensino médio completo, enquanto 69,2% enfermeiros tinham pós-graduação⁽¹²⁾.

Em um estudo semelhante, autores⁽⁷⁾ constataram em uma pesquisa realizada em 2011, no SAMU do interior de São Paulo, que o serviço era composto por 50 profissionais de nível médio (técnicos e auxiliares de enfermagem) e 16 enfermeiros, sendo a proporção de um enfermeiro para três técnicos.

Trabalhar cotidianamente com condições insatisfatórias é um fator contribuinte na aceleração do processo do descompasso entre o humano e o desumano. O Brasil está enfrentando uma crise na acessibilidade e resolutividade no sistema de saúde. Nesse cenário, o ambiente de trabalho do enfermeiro tornou-se desumano e de difícil solução imediata. Sem leitos e quantidade insuficiente de trabalhadores para suprir a demanda, assim, nem sempre as necessidades dos usuários e trabalhadores são supridos. Tais fatores interferem negativamente na saúde do trabalhador⁽¹³⁾.

A Tabela 2, a seguir, demonstrará o conhecimento dos profissionais de enfermagem sobre AT distribuídos por categoria. No presente estudo, constatou-se que todos os profissionais (n=66; 100,0%) afirmaram saber o que é acidente. No entanto, autores⁽¹⁴⁾ afirmam que o conhecimento, em si, não assegura a adoção de práticas seguras no ambiente de trabalho. Além disso, faz-se necessário avaliar o tipo de conhecimento que os treinamentos em serviço têm enfatizado. A inclusão de aspectos relacionados a mudanças de comportamento, bem como estimular a autopromoção da saúde, podem contribuir para modificar o panorama de acidentes ocupacionais entre os trabalhadores da área da saúde.

Semelhantemente ao presente estudo, um artigo publicado em 2011 relatou que a equipe de enfermagem possui conhecimento e recursos materiais suficientes para se protegerem. Entretanto, muitos negligenciam o emprego de tais recursos, justificando-se na autoconfiança que adquiriram ao longo da experiência profissional. Essa ação contribui substancialmente para a ocorrência dos AT⁽¹⁵⁾.

Tabela 2. Conhecimento da equipe de enfermagem sobre acidente de trabalho de acordo com a categoria profissional.

CONHECIMENTO SOBRE ACIDENTE DE TRABALHO	ENFERMEIROS		TÉCNICOS DE ENFERMAGEM		TOTAL	
	n	%	n	%	n	%
Conhecimento sobre o conceito de AT						
Resposta certa	6	54,6	26	47,3	32	48,5
Resposta incompleta	5	45,4	29	52,7	34	51,5
Conhecimento sobre as normas de segurança						
Resposta correta	8	72,7	42	76,4	50	75,8
Resposta incorreta	3	27,3	13	23,6	16	24,2
TOTAL	11	100,0	55	100,0	66	100,0

Autores constataram que a maioria dos profissionais tinha o conhecimento e adotava as medidas de precaução-padrão contra AT. Entretanto, o fato de os profissionais terem conhecimento sobre os riscos, no ambiente de trabalho, nem sempre garante a adesão ao uso de medidas protetoras. Ainda assim, a capacitação em serviço em biossegurança é um fator de extrema importância na tentativa de induzir o profissional a adotar das medidas de precaução-padrão, pois requerem nova aprendizagem e, principalmente, mudanças de hábitos com as quais muitos profissionais têm dificuldade de lidar^(5,16).

Sobre o modo como os profissionais adquiriram o conhecimento sobre normas de segurança, 27 (40,9%) relataram ter aprendido em palestras, 16 (24,2%) em cursos de atualização e sete (10,6%)

na graduação. De acordo com a categoria profissional, constatou-se que, em relação aos enfermeiros, quatro (50,0%) disseram que aprenderam sobre a temática na graduação, dois (25,0%) em palestras e dois (25,0%) em cursos de atualização. Quanto aos técnicos de enfermagem, a maioria adquiriu o conhecimento em palestras (n=25; 59,5%), seguido por 14 (33,3%) que aprenderam em cursos de atualização e três (7,1%) na graduação. Ressalta-se que os três técnicos de enfermagem que responderam ter aprendido na graduação já possuem o nível superior completo, mas atuam ainda como técnicos de enfermagem.

A Tabela 3 destaca os resultados relacionados às sugestões dos profissionais, por categoria, para a tentativa de diminuir os AT.

Tabela 3. Distribuição dos profissionais por categoria quanto às sugestões para diminuir os AT.

SUGESTÕES PARA DIMINUIÇÃO DOS ACIDENTES DE TRABALHO	ENFERMEIROS		TÉCNICOS DE ENFERMAGEM		TOTAL	
	n	%	n	%	n	%
Inclusão nos cursos de formação	8	25,8	37	25	45	25,1
Orientação no local de trabalho	10	32,3	39	26,4	49	27,4
Cursos de atualização	7	22,6	36	24,3	43	24
Vacinação contra hepatite tipo B	1	3,2	6	4,1	7	3,9
Vacinação contra o tétano	2	6,5	8	5,4	10	5,6
Outros	3	9,7	22	14,9	25	14
TOTAL	31	100,0	148	100,0	179	100,0

A educação permanente em serviço e o treinamento introdutório apresentam-se como meios de fortalecer as práticas pedagógicas que são

importantes na busca do melhor desenvolvimento profissional de forma a proporcionar a aprendizagem no trabalho, por meio de trocas de

experiências e no levantamento das reais necessidades de saúde. Sendo assim, é extremamente relevante que o processo educativo seja implementado nos diferentes serviços de urgência e emergência, considerando a importância do oferecimento de um atendimento rápido e qualificado, almejando a redução da

morbimortalidade das vítimas assistidas pelo serviço⁽¹⁷⁾.

A Tabela 4 abaixo demonstrará as frequências relativa e absoluta somente dos profissionais que sofreram algum tipo de AT (n=27), que corresponde a seis enfermeiros e 21 técnicos de enfermagem.

Tabela 4. Caracterização dos AT sofridos pela equipe de Enfermagem de acordo com a categoria profissional.

CARACTERIZAÇÃO DOS ACIDENTES DE TRABALHO	ENFERMEIROS		TÉCNICOS DE ENFERMAGEM		TOTAL	
	n	%	n	%	n	%
Tipo de atividade exercida no momento do acidente						
Transporte de paciente	2	33,3	18	85,6	20	74,1
Preparo e manuseio de materiais	0	0,0	0	0,0	0	0,0
Trajetos de ida/volta ao trabalho	0	0,0	1	4,8	1	3,7
Cuidado com o paciente	3	50,0	1	4,8	4	14,8
Manuseio de equipamentos	1	16,7	1	4,8	2	7,4
Tipos de lesões						
Contusão	2	33,3	7	33,3	9	33,3
Entorse	1	16,7	1	4,8	2	7,4
Fratura	0	0,0	4	19,0	4	14,8
Perfuração	1	16,7	1	4,8	2	7,4
Escoriação	1	16,7	4	19,0	5	18,5
Luxação	0	0,0	2	9,5	2	7,4
Outras	1	16,7	2	9,5	3	11,1
Área corporal lesionada						
Cabeça e pescoço	0	0,0	2	9,5	2	7,4
Face	1	16,7	1	4,8	2	7,4
Tórax	1	16,7	2	9,5	3	11,1
Membros superiores, membros inferiores e cintura pélvica	4	66,7	12	57,1	16	59,3
Superfície externa	0	0,0	4	19,0	4	14,8
Agente causador das lesões						
Acidente de transporte	2	33,3	10	47,6	12	44,4
Material perfuro-cortante	1	16,7	1	4,8	2	7,4
Quedas do mesmo nível	0	0,0	2	9,5	2	7,4
Queda de equipamentos sobre os profissionais	0	0,0	4	19,0	4	14,8
Mordedura ou golpe de pacientes	0	0,0	2	9,5	2	7,4
Excesso de exercícios/esforço	2	33,3	1	4,8	3	11,1
Contato com secreções	1	16,7	0	0,0	1	3,7

Penetração de corpo estranho	0	0,0	1	4,8	1	3,7
TOTAL	6	100,0	21	100,0	27	100,0

O trabalho do enfermeiro está interligado a potenciais riscos ocupacionais nos diversos períodos do atendimento do SAMU como na cena da ocorrência, no transporte até o hospital e até mesmo na chegada da vítima na instituição hospitalar. Assim, o profissional está vulnerável a vários tipos de eventos não desejáveis e isto vem a proporcionar um ambiente de trabalho desgastante e propício aos riscos ocupacionais e ao adoecimento⁽¹⁸⁾.

Em um estudo⁽¹⁹⁾ sobre acidentes biológicos com a equipe multiprofissional de Atendimento Pré-hospitalar (APH) de Belo Horizonte, os autores identificaram que os enfermeiros (24,0%) foram mais acometidos que os técnicos de enfermagem (17,7%).

Verificou-se que 33,3% dos profissionais sofreram algum tipo de contusão (n=9) e a região corpórea mais lesionada foi os membros superiores, inferiores e a cintura pélvica (n=16; 59,3%). Por fim, quanto ao agente causador das lesões, grande parte (n=12; 44,4%) respondeu que o acidente foi causado no transporte, como por exemplo: freadas bruscas, colisões e capotamentos.

Uma pesquisa⁽¹⁸⁾, cujo objetivo foi investigar através da literatura os riscos de adoecimento enfrentados pela equipe de Enfermagem do SAMU, observou-se que o enfermeiro e equipe de enfermagem estão expostos a vários fatores que predisõem ao risco de adoecimento, dentre eles, estão os riscos físicos (ruídos e temperaturas elevadas como frio ou calor), químicos (contato com produtos químicos), carga de trabalho, riscos biológicos (bactérias, vírus e fungos), psicológicos (estresse e agressão moral) e mecânicos (acidentes automobilísticos e lesões na pele).

No APH, a técnica utilizada na remoção de vítimas com pranchas é uma ação que exige uma mecânica corporal muito intensa do trabalhador. Quando se utilizam de técnicas ou posturas incorretas, o profissional pode adquirir lesão muscular, de coluna vertebral, cervical, ombro ou até mesmo lombar⁽²⁰⁾.

Ademais, os impactos corporais contra o interior da ambulância podem causar lesão de pele e músculo como escoriações, hematomas e contusões ocasionados por mudanças acentuadas de direção ou aceleração. Além disso, durante o transporte de pacientes do local do acidente para o interior da ambulância ou durante a movimentação da ambulância, os profissionais que não estiverem presos ao cinto de segurança poderão ser arremessados contra objetos e/ou doentes⁽²⁰⁾.

CONCLUSÃO

Concluí-se que, quanto à caracterização sociodemográfica e profissional dos participantes, houve uma discreta predominância do sexo feminino, na faixa etária entre 41 e 50 anos, residente na capital do Estado (Natal) e a maioria dos profissionais tinha entre 15 e 20 anos de formados e nenhuma formação complementar.

A maioria dos pesquisados não sabia o conceito de AT, mas conhecia algumas normas de segurança. Houve destaque para a aquisição desse conhecimento entre os enfermeiros, na graduação e, entre os técnicos, em palestras. A grande parte da equipe de enfermagem concorda que a melhor sugestão para minimizar os AT é a orientação desse tema no próprio local de trabalho.

Em relação às características dos AT, os enfermeiros sofreram mais AT do que os técnicos de enfermagem, a maioria estava transportando pacientes no momento da ocorrência. A grande parte das lesões foram contusões, provocadas por acidentes de transporte, atingindo, principalmente, os membros superiores, inferiores e a cintura pélvica.

De fato, ainda há muito que se explorar, pois essa abordagem no APH é muito incipiente e acredita-se que cada serviço deveria repensar sobre a saúde ocupacional dos seus trabalhadores e estabelecer um plano de ação visando à manutenção da segurança do

profissional através da capacitação permanente em serviço e introdutória, ou seja, no momento em que o profissional ingressa no serviço,

com ênfase na promoção da saúde do trabalhador e prevenção de acidentes e agravos/adoecimentos.

KNOWLEDGE ABOUT WORK ACCIDENT BY THE NURSING IN SERVICE MOBILE EMERGENCY CARE

ABSTRACT

Occupational Accidents (OA) are events that occur during labor activity at the company when on duty. It was aimed to identify the knowledge of nursing staff and characterize the occupational accidents occurred in a mobile emergency care service. Study exploratory and quantitative, conducted between November and December of 2010, in a mobile emergency care service of Natal/RN. To data collection, structured questionnaire was used. Of the 66 surveyed, 16.7% were nurses and 83.3% nursing technicians. Most of them did not know to conceptualize OA (51.5%), but 75.8% knew some standards and 27.4% of the professionals said that must occurred in the workplace. With respect to characteristics of the accident, the nurses (54.6%) have suffered more accidents than technicians (38.2%) and 74.1% of the professionals were performing patient transportation at the moment of the accident. Of the surveyed, 33.3% have suffered bruises caused by transport accidents (44.4%), reaching the upper and lower limbs and the pelvic waist (59.3%). Due to the great risk to suffer some type of OA, the education in service related to the thematic Biosecurity is important.

Keywords: Occupational Risks. Health Worker. Pre-Hospital Care.

CONOCIMIENTO DE ACCIDENTE DE TRABAJO POR LA ENFERMERÍA EN EL SERVICIO DE ATENCIÓN DE EMERGENCIA MÓVIL

RESUMEN

Accidentes de Trabajo (AT) son eventos que ocurren durante la actividad laboral a servicio de la empresa. El objetivo fue identificar el conocimiento del equipo de enfermería y caracterizar los accidentes de trabajo que se produjeron en un servicio de atención de emergencia móvil. Estudio exploratorio y cuantitativo, realizado entre noviembre y diciembre de 2010, en un Servicio de Atención de Emergencia Móvil de Natal/RN. Para la recolección de los datos, se utilizó un cuestionario estructurado. De los 66 encuestados, el 16,7% era enfermero y 83,3% técnicos de enfermería. La mayoría no sabía conceptualizar AT (51,5%), pero el 75,8% sabía algunas normas y el 27,4% de los profesionales afirmó que debe ser hecha en el propio lugar de trabajo. Con respecto a las características del accidente, los enfermeros (54,6%) han sufrido más accidentes que los técnicos (38,2%) y el 74,1% de los profesionales estaba realizando el transporte del paciente en el momento del accidente. De los encuestados, el 33,3% ha sufrido contusiones causadas por los accidentes de transporte (44,4%), alcanzando los miembros superiores, inferiores y la cintura pélvica (59,3%). Debido al gran riesgo de sufrir algún tipo de AT, es importante la educación en servicio en relación al tema de Bioseguridad.

Palabras clave: Riesgos Laborales. Salud del Trabajador. Atención Pre-Hospitalaria.

REFERÊNCIAS

1. Aerosa J, Dwyer T. Acidentes de trabalho: uma abordagem sociológica. Configurações [on-line]. 2010 [acesso em: 6 set. 2014]; 7: 107-28. Disponível em: <http://configuracoes.revues.org/213>
2. São Paulo. Conselho Regional de Enfermagem. Norma Regulamentadora nº 32. [acesso em: 6 set. 2013]; Disponível em: http://portal.coren-sp.gov.br/sites/default/files/livreto_nr32_0.pdf
3. Rio Grande do Norte. Secretaria de Estado da Saúde do Rio Grande do Norte. Sistema de Informação de Agravos de Notificação. Estatística dos agravos relacionados ao trabalho. Acidente com exposição a material biológico; 2011 [acesso em: 8 jun 2013]; Disponível em: http://www.cerest.rn.gov.br/contentproducao/aplicacao/sesap_cerest/cerest/gravos_cerest_rn/estatistic_sinan%20m%20acbio-ok.pdf
4. Oliveira AC, Diaz MEP, Toledo AD. Acidentes de trabalho com materiais perfurocortantes entre a equipe

5. multiprofissional de uma unidade de emergência. Cienc Cuid Saude. [on-line]. 2010 [acesso em: 17 abr. 2013]; abr/jun;9(2):341-349. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/article/view/8537/6085>
6. Brasil. Ministério da Previdência Social. Saúde e segurança ocupacional. Distrito Federal; 2009 [acesso em: 8 jun. 2013]; Disponível em: <http://www.mpas.gov.br/conteudoDinamico.php?id=39>.
7. Silva RC, Ferreira MA. Características dos enfermeiros de uma unidade tecnológica: implicações para o cuidado de enfermagem. Rev Bras Enferm. 2012 [acesso em: 14 maio 2013]; 64(1): 98-105. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v64n1/v64n1a15.pdf>.
8. Vegian CFL, Monteiro MI. Condições de vida e trabalho de profissionais de um Serviço de Atendimento Móvel de Urgência. Rev Latinoam Enferm. 2011 [acesso em: 14 maio 2013]; 19 (4): [7 telas]. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rlae/v19n4/pt_22.pdf.

8. Avelar VLLM, Paiva KCM. Configuração identitária de enfermeiros de um serviço de atendimento móvel de urgência. *Rev Bras Enferm.* 2010 [acesso em: 6 set. 2014]; 6(6): 1010-8. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v63n6/22.pdf>.
9. IBGE. Censo demográfico de 2010. Brasília, DF; 2010.
10. Brito GS, Ribeiro AEM. Migrações rurais e fluxos de conhecimento agroecológico: o caso de montes claros MG. *Qualit@s Revista Eletrônica* [on-line]. 2010 [acesso em: 14 maio 2013]; 9 (2): 83-98]. Disponível em: <http://revista.uepb.edu.br/index.php/qualitas/article/viewFile/689/493>.
11. Lazzari DD, Schmidt N, Jung W. Educação continuada em unidade de terapia intensiva na percepção de enfermeiras. *Rev Enferm UFSM.* [on-line]. 2012 [acesso em: 8 jun. 2013]; 2(1): 88-96. Disponível em: <http://cascavel.cpd.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/reufsm/article/view/4592/3130>.
12. Moraes Filho LA. Violência ocupacional contra profissionais de saúde em um hospital de urgência. 2009. [dissertação]. Natal (RN): Universidade Federal do Rio Grande do Norte; 2009 [acesso em: 15 maio 2014]; Disponível em: http://bdtd.ufrn.br/tde_arquivos/5/TDE-2010-09-23T103834Z-2910/Publico/LuisAMF DISSERT.pdf.
13. Fontana RT. Humanização no processo de trabalho em enfermagem: uma reflexão. *Rev Rene.* [on-line]. 2010 [acesso em: 6 set. 2014]; jan/mar; 11(1): 200-7. Disponível em: <file:///C:/Users/Sala12/Desktop/364-1497-1-PB.pdf>
14. Bonini AM, Zeviani CP, Facchin LT, Gir E, Canini SRMS. Exposição ocupacional dos profissionais de enfermagem de uma unidade de terapia intensiva a material biológico. *Rev Eletrônica Enferm* [on-line]. 2009 [acesso em: 6 set. 2014]; 11(3): 658-64. Disponível em: <http://www.fen.ufg.br/revista/v11/n3/v11n3a25.htm>.
15. Magagnini MAM, Rocha SA, Ayres JA. O significado do acidente de trabalho com material biológico para os profissionais de enfermagem. *Rev Gaúch Enferm.* 2011 [acesso em: 6 set. 2014]; jun; 32(2): 302-8. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rge/v32n2/a13v32n2.pdf>
16. Souza MCMR, Freitas MIF. Representações de profissionais da atenção primária sobre risco ocupacional de infecção pelo HIV. *Rev Latinoam Enferm.* 2010 [acesso em: 10 set. 2014]; 18(4): [08 telas]. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/rlae/v18n4/pt_13.pdf.
17. Owen JA, Madeline HS. Integrating Interprofessional Education into Continuing Education: A Planning Process for Continuing Interprofessional Education Programs. *J Cont Educ Health Profes.* 2013; 33(2):109-17.
18. Silva OM, Ascari RA, Schiavinato D, Ribeiro MC. Riscos de adoecimento enfrentados pela equipe de enfermagem do SAMU: uma revisão integrativa. *Rev Saúde Pública.* [on-line]. 2014 [acesso em: 2014 set 10]; jan/abr; 7(1):107-21. Disponível em: <http://esp.saude.sc.gov.br/sistemas/revista/index.php/inicio/article/view/172/249>.
19. Oliveira AC, Lopes ACS, Paiva MHRS. Acidentes ocupacionais por exposição a material biológico entre a equipe multiprofissional do atendimento pré-hospitalar. *Rev Esc Enferm USP.* 2009 [acesso em: 16 abr. 2013]; 43(3): 677-83. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0080-62342009000300025&script=sci_arttext
20. Soerensen AA, Moriya TM, Soerensen R, Robazzi MLC. Atendimento pré hospitalar móvel: fatores de riscos ocupacionais. *Rev Enferm UERJ.* 2008 [acesso em: 15 abr. 2013]; 16(2): 187-92. Disponível em: <http://www.facenf.uerj.br/v16n2/v16n2a08.pdf>.

Endereço para correspondência: Isabel Karolyne Fernandes Costa. Rua do Motor, 39, Praia do Meio, CEP: 59010-090. Natal/RN, Brasil. E-mail: isabelkarolyne@gmail.com.

Data de recebimento: 22/01/14

Data de aprovação: 24/11/14